

Artigos Publicação Contínua

O dilema da conscientização dos profissionais das Ciências Sociais no Brasil: uma análise bibliográfica sobre os percalços, impasses e estratégias de enfrentamento do fenômeno na atual sociedade

The dilemma of the awareness of professionals in Social Sciences in Brazil: a bibliographic analysis on the stumbling blocks, impasses and coping strategies of the phenomenon in current society

Railson da Silva Barboza¹ 

¹Universidade Federal Fluminense , Niterói, RJ, Brasil

Resumo

Neste trabalho, desenvolvemos através da referência bibliográfica, uma discussão sobre os percalços sofridos pelos profissionais da área de ciências sociais, no Brasil, no que diz respeito à sua atuação e locação profissional. As dificuldades provêm, sobretudo, por uma desvalorização do próprio cientista social diante de uma sociedade que privilegia áreas do saber que, em tese, possuem um retorno financeiro e uma gama de oportunidades profissionais que o cientista social, em primeiro momento, não vislumbra. Com isso, surge o fenômeno da depreciação dessa área do saber tendo em vista uma perspectiva rasa e mal elaborada teoricamente. Assim, expomos nesse artigo os dilemas enfrentados por esses profissionais e como podemos reverter essa crise de conscientização sobre o que é e o que faz um profissional das ciências sociais, para além da atuação no magistério superior.

Palavras-chave: Profissionais; Ciências Sociais; Dilemas; Contemporaneidade

Abstract

In this work, we develop through the bibliographic reference, a discussion about the mishaps suffered by professionals of the social sciences, in Brazil, regarding their performance and professional location. The difficulties come, above all, from a devaluation of the social scientist himself in front of a society that favors areas of knowledge that, in theory, have a financial return and a range of professional opportunities that the social scientist, at first, does not envision. With this, arises the phenomenon of the depreciation of this area of knowledge in view of a shallow and poorly developed perspective theoretically. Thus, we expose in this article the dilemmas faced by these professionals and how we can reverse this crisis of awareness about what is and what makes a social sciences professional, beyond the performance of higher education.

Keywords: Professionals; Social Sciences; Dilemmas; Contemporaneity

INTRODUÇÃO

Observamos em nossa contemporaneidade uma forte tendência em desvalorizar a atuação do cientista social, ou do antropólogo, ou de qualquer outro profissional que reflita sobre a sociedade e suas transformações. Esse tema é atual e de extrema importância. Segundo a perspectiva de José Carlos Durand (1984), o sociólogo possui em cinco áreas distintas da sociedade: a pesquisa comercial, o magistério secundário, o magistério superior e uma gama de diversidade de postos no aparelho de Estado, entendido por “técnico em planejamento”, nos meios de comunicação, atuando em editoras e jornais, ou outras agências do campo da cultura e da indústria cultural.

Mesmo diante de uma vasta diversidade de atuação, ainda há uma crise que permeia toda a atuação do profissional das ciências sociais, sendo um processo que não começou hoje. Maria Arminda do Nascimento Arruda (2002) já apontava, em artigo na Folha de São Paulo, que “surpreendentemente, a crise em curso não deriva de motivos de natureza intelectual, os únicos a justificarem a vaga de inquietações que ocupa o espírito dos seus pesquisadores”, ou seja, não é o conteúdo que gera a crise que vivenciamos, mas há outros motivos. Uma das demandas está relacionada, segundo Durand (1984, p.76), pela formação ser ministrada “quase exclusivamente por pessoas que partilham apenas um dos espaços de atividade: o magistério superior

e a pesquisa acadêmica”. Isso influencia numa generalização apressada que defini o sociólogo impregnado dos maneirismos, exigências e recompensas universitárias e da cultura acadêmica, restritas à: presença em simpósios, congressos e conferências, além das titulações e publicações (Durand, 1984).

A pluralidade de opções da atuação do profissional de ciências sociais no mercado de trabalho não é tão desenvolvido nos meios acadêmicos, ou na própria sala de aula. Justamente por esse assunto não ser tratado na sala de aula, ou na academia de modo geral, os estudantes não possuem o devido “conhecimento da gama de ramos em que podemos atuar, sendo alguns deles: políticas públicas; pesquisa social; sustentabilidade; recursos humanos e outros” (Andreatta, 2020, p.16). Essa atuação ampla que Andreatta (2020) nos recorda a missão das ciências sociais no mundo moderno.

A história das ciências sociais confunde-se, assim, com a história da modernidade, traduzindo parte da aventura humana em decifrar o mundo e sua própria trajetória através de instrumentos e recursos não mais fundados na razão metafísico/teológica, mas naqueles da observação, comparação, experimentação (por indução ou dedução) de fenômenos palpáveis e perceptíveis aos sentidos e à razão crítica. (Mello, 1998, p.30)

Assim, quando buscamos respostas sobre os motivos e dificuldades o profissional da área tem em ampliar seus espaços e tomar conhecimento sobre seu campo de atuação, se faz necessário buscar respostas e entender os entraves para sanar ou diminuir os impactos de tais questões. Isso justificaria a escolha por dissertar sobre o tema, tendo como base também a falar de Isabelle Andreatta (2020, p.16), que “devido à invisibilidade dos profissionais formados em ciências sociais no mercado de trabalho extra-acadêmico, grande parte da população não conhece o curso e qual a finalidade do mesmo”. Essa perspectiva nos alerta sobre a necessidade contemporânea em dissecar todas as oportunidades futuras que este profissional possui, tendo em vista que muitos não se interessam pelo curso por conta do não conhecimento de sua atuação, fora dos âmbitos acadêmicos.

Segundo Durand (1984, p.77), “para que a categoria dos sociólogos ganhe força, mesmo como categoria intelectual, deve aglutinar o maior número de participantes em suas entidades culturais e profissionais”. Desse modo, um dos caminhos que podemos escolher é articular as inúmeras possibilidades de atuação do mercado como atrativo para novos alunos, não restritas a carreira acadêmica somente. Sendo essa uma das maiores preocupações na hora de escolher o curso pela qual deseja, o discente terá em mente que a formação em ciências sociais possibilitará alocação no mercado para além do âmbito acadêmico.

Portanto, esse trabalho visa, sobretudo, debater sobre a narrativa turva que as ciências sociais não agregam perspectivas profissionais para além do âmbito e carreira docente.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE ANÁLISE DA PROFISSÃO

A análise do objeto estudado partiu de uma revisão de literatura, metodologia fundamental para a escrita de um texto científico, independentemente do gênero: seja ela uma tese ou uma dissertação, ou projeto ou a escrita de um artigo de revisão (Dorsa, 2020), ou de um resumo estendido, tendo por finalidade embasar o artigo e dar sustentação aos nossos argumentos e estudos. Justifica-se a escolha da revisão de literatura pela ótica trazida por Moreira (2024, p.1), ao dizer que “as revisões de literatura por seu aspecto sumarizador assumem importante função orgânica, juntamente com os índices e as bibliografias especializadas”.

Da mesma maneira, a revisão de literatura pode contribuir de muitos modos para a identificar relações entre as pesquisas citadas, a partir dos questionamentos envolvendo sobreposições, contrastes e complementações, sendo fundamental o estabelecimento de um diálogo entre si, seja pela mediação discursiva dos autores citados e o quanto são fundamentais na contribuição do tema ora pesquisado (Motta Roth et al., 2010). A partir da literatura de Japiassu (2015), observamos o poder da transdisciplinaridade das ciências humanas e seu motor de transformação nas

especialidades dos conhecimentos e diversos saberes. O autor expõe alguns impasses nessa transdisciplinaridade, como o engessamento das disciplinas e o pensamento tecnocientífico, que reduzem as identidades particulares concretas e privilegiam e atrofiam a infinitude de perspectivas do conhecimento das humanidades, todavia reforça a importância dessa abordagem integrativa.

A proposta de Japiassu, portanto, é o de uma transdisciplinaridade capaz de abrir um novo campo ao conhecimento em que possa circular da filosofia às ciências humanas sem estabelecer uma posição entre diversos modos de experimentação. Porque eis o grande desafio lançado ao pensamento: diluir a persistência de um modo de conhecimento que privilegia os saberes fragmentados, parcelados e compartimentados. O transdisciplinar, pois, diz respeito ao que está entre as disciplinas, através delas e além de cada uma. (Mantuano, 2024, p. 454)

A crise nas Humanidades não passa incólume por um processo gradativo de exclusão e marginalização, proveniente da hipervalorização tecnicista incentivada pelo neoliberalismo e pelo capitalismo. Ou seja, a própria sociedade e o Estado, acabam permitindo por inação que os especialistas formados nas ciências sociais sejam postos à margem. Os problemas sociais vistos não por seus especialistas mas por profissionais sem a base teórica das humanidades, torna-se ferramenta de domínio por parte da classe dominante.

Há, do lado de fora, um mundo pouco receptivo à contribuição de filósofos, historiadores, sociólogos e outros especialistas formados pelas Humanidades e que têm a academia como espaço quase único de trabalho. Além do câmpus, um ambiente pragmático e dominado pela mais dura materialidade prefere os egressos das escolas profissionalizantes. Ocorre que lá fora não existe apenas a demanda empresarial. Existe o Estado. E o espaço do Estado, que tantos querem mínimo, não pode encolher-se a ponto de não abrigar estudiosos que são fundamentais no equacionamento de políticas públicas. E cabe às academias, em seu diálogo com os governos, alertá-los para este aspecto da crise das Humanidades. Se esta elite intelectual, permanentemente debruçada sobre os problemas sociais, não decifrar o seu enigma, quem o fará? Não será certamente a tecnoburocracia com a sua visão nublada pelo viés político-partidário. (Marcovitch, 2002, p.235)

Com a crise de reestruturação do capitalismo mundial e o avanço ideológico do tecnicismo e do neoliberalismo, incentivado e propagado pelo imperialismo estadunidense, estaria uma crise dos paradigmas clássicos das ciências sociais e seu fim profissional, para além das salas de aula e das pesquisas na docência superior? Haveriam sinais de esgotamento dessas matrizes do pensamento moderno ao ponto de indicar o fim de uma etapa da história das idéias políticas e sociais ? (Mello, 1998).

Assim, consideramos que a narrativa que deprecia o campo das ciências humanas e sociais parte do princípio da sua inutilidade prática e da sua “validade vencida”, embasada num mundo cada vez mais imediatista, sem tempo para refletir sobre seu entorno, mas que sofre com essa mesma falta de reflexão. Na prática, esse movimento depreciativo e reducionista na atuação dos cientistas sociais, por exemplo, reduz a própria existência humana, que em sua essência é marcada pela pluralidade.

A humanidade é marcada pela pluralidade e heterogeneidade cultural e epistêmica, assim como as mesmas capacidades cognitivas. A espécie humana é única e diversa, simultaneamente. Nossa riqueza existencial consiste em nossa diversidade, em nossas formas diferentes de solucionar os problemas, de nos relacionarmos, em como escolhemos viver. A tentativa de universalização de uma tradição de pensamento, ainda que tal modelo de pensamento detenha notórios êxitos, é um ato de epistemicídio de outras tantas maneiras de entender e de se relacionar com o cosmos. (Bao, 2020, p.43)

No próximo ponto, abordaremos algumas considerações sobre o campo profissional das ciências sociais e, dessa forma, partir da premissa que reduzir seu alcance desvaloriza não só a profissão, como um todo, mas a própria reflexão sobre as demandas humanas, políticas, sociais, administrativas nos dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS E CRIATIVAS SOBRE O CAMPO PROFISSIONAL DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Trazendo uma perspectiva interdisciplinar, sem fugir do foco do objeto de debate escolhido, a reflexão sobre o campo de atuação do profissional das ciências sociais faz

emergir questões similares com os profissionais da filosofia, por exemplo. Segundo Railson Barboza (2024), “quando pensamos no mundo moderno e sua predileção pelo neoliberalismo e pelo capitalismo, como modelos indiscutíveis nos *modus vivendi* e *operandi*, em todas as áreas do saber, a Filosofia deixa de ter serventia, transformando-se em um mecanismo sem utilidade prática e sem resultados expressivos”. Da mesma forma, observamos tal lógica na relação vivida pelos profissionais da área das ciências sociais, tendo em vista sua desvalorização por conta de um mundo gradativamente imerso nas contradições capitalistas e neoliberais. Isso desvela outra realidade: a própria desvalorização da formação humana como essencial para o mercado de trabalho.

É preciso que se aproveite o espaço da sala de aula não apenas para informar o estudante, mas para formá-lo como um homem culto ou em processo de aquisição cultural. Não podemos abrir mão do saber filosófico e artístico acumulado em milênios, trocando tudo pelas novidades cibernéticas, inegavelmente bem-vindas mas que não bastarão jamais para a formação integral do homem. (Marcovitch, 2002, p. 239)

Quando falamos profissionais da Ciência Social pensamos semi-automaticamente em professores universitários - cujos títulos possuídos garantem, não a profissão de cientista político, mas a de docente universitário (Severos, 2018). A formação humana, segundo Railson Barboza (2025), não é tida como essencial no que tange à educação, sempre subordinada aos interesses econômicos, fazendo prevalecer o foco em atividades de profissionalização técnicas “sob o argumento da ‘maior inserção da população vulnerável economicamente no mercado de trabalho’”. Isso desvela outro grande problema: nas palavras de Barboza (2025), “a única escolha para sobreviver é essa: moldar-se aos interesses do mercado, de acordo com sua classe social”. Esse ponto de vista corrobora com a visão de Isabelle Andreatta (2020, p. 16), ao afirmar que “devido à invisibilidade dos profissionais formados em ciências sociais no mercado de trabalho extra-acadêmico, grande parte da população não conhece o curso e qual a finalidade do mesmo”, tendo em vista que esses profissionais são postos em situações

de invisibilidade, e até mesmo inferioridade, pela anedota de que não possuem amplo mercado de trabalho. Na prática, nos deparamos com essa realidade: por não haver consciência da gama de oportunidades de atuação desses profissionais, os da ciência social, há uma desvalorização intrínseca que pode corroborar com a queda na procura pelo curso, visto que “quem em sã consciência escolheria, nos dias atuais, passar por dificuldades financeiras em prol de uma causa?” (Barboza, 2025). O trabalho de conscientização passa pelo debate de novas oportunidades e pondo-as em evidência.

É necessário, por outro lado, que os ingressantes no estudo das Humanidades sejam despertados para a beleza e a desafiadora complexidade da Antropologia, Ciência Política, Sociologia, Geografia, História, das Letras e Artes. São estas disciplinas que explicam a sociedade. Dificilmente poderemos chamar de sábio alguém que não tenha noção dos fenômenos que figuram nessas grades curriculares. A universidade precisa encontrar os meios de levar à sociedade o valor e o poder transformador dessas ciências. Não me refiro, em nenhuma hipótese, a quaisquer técnicas ou meios indutores de persuasão. Imagino a projeção das Humanidades trabalhada em projetos acadêmicos amplamente mobilizadores e capazes de sensibilizar, pela qualidade, os formadores de opinião. (Marcovitch, 2002, p.238)

Trazer esse tema ao debate se faz necessário, tendo em vista que o pesquisador das ciências sociais possuem um “papel fundamental de auxiliar nesse processo de melhoria e evolução constante no processo de formação educacional e profissional no Brasil” (Andreatta, 2020, p.34). Dessa forma, há uma demanda em retirar esse viés estritamente voltando para a carreira acadêmica do perfil do cientista social e político. Assim, concordamos com a visão de Marconi Severos (2018, p.372), ao dizer que “os cientistas políticos devem lutar em prol do reconhecimento profissional, muito mais do que preocupar-se com abstrações e disputas temáticas, cujos efeitos, às vezes, são estéreis”. Ou seja, a crítica sobre o arcabouço teórico que a ciência humana sustenta e disponibiliza recai numa visão reduzida com tons pejorativos, majoritariamente por pessoas que defendem a tese que seus teóricos são ultrapassados ou restritos a um determinado contexto histórico.

A efetividade de um mundo que se torna mundo, isto é, a dimensão da mundialidade, a plasmar novos patamares de sociabilidade e institucionalidade, parece representar o corte epistemológico a partir do qual as teorias clássicas passam a ser questionadas no seu alcance heurístico (e metodológico) e em suas formulações teóricas substantivas, hipoteticamente ultrapassadas pelos novos fatos, passando em função disso a ficarem tendencialmente relegadas à condição de meros resíduos iluministas do século XIX. (Mello, 1998, p.34)

Partindo da análise trazida acima, a luta pelo reconhecimento profissional e sua atuação na sociedade pode abrir portas no que diz respeito a valorização e atuação prática dos cientistas sociais e políticos, tendo em vista sua invisibilidade por conta da construção do senso comum de um profissão com poucas demandas e utilização. Assim, como afirma Severos (2018, p. 372), “é incontestável que a Ciência Política brasileira merece maior destaque, conforme vem constantemente demonstrando a conjuntura política e social atual”, além de “excepcionalmente instigante, além de um formador ativo de intelecto e de capacidade crítica”. Quando pomos em evidência a Ciência Política, como fizemos acima, buscamos a interdisciplinaridade que propomos, de início, com a Filosofia, por exemplo, também com a Ciência Social. Em outras palavras, a situação das Ciências Humanas, como um todo, encontra-se num estado grave de desinformação, tendo em vista a valorização às outras áreas só saber em detrimento das áreas das humanidades.

É importante salientar que o Homem é definido por uma gama de ordens que não estão restritas à uma disciplina ou uma categoria de ciência, exata ou humana, atravessando diversas ordens que perpassam sua vivência subjetividade e coletiva. Dessa maneira, a transdisciplinaridade da Ciência Social ressalta sua utilidade enquanto instrumento de reflexão e mudanças estruturais importantes para o desenvolvimento sustentável da sociedade.

Mas as Ciências Humanas, ao se debruçarem sobre o Homem como seu objeto de estudo, acabam por descobrir o quanto ele é determinado por diversas ordens que escapam ao seu controle e, de fato, uma compreensão

profunda de sua mente e comportamento não pode ser isolada de sua inserção social e política. Ele é atravessado por ordens sociais, econômicas, biológicas, psicológicas, etc.; e isto aponta para uma condição humana na qual a vontade consciente e autodeterminação não tenham todo o poder que o Humanismo moderno presume. (De Santi, 2018, p.242)

Os argumentos que foram propostos em nosso trabalho, tendo como base alguns pensadores, induzem à reflexão: como traçar um novo caminho nas ciências sociais que valoriza o profissional e coloquem-no em destaque na nossa sociedade, sem o estereótipo do cientista social “pesquisador”?

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir desse profundo debate, notamos que o sistema pode contribuir com o falso discurso da inutilidade ou da escassez de atuações práticas, para além da vida acadêmica, dos cientistas sociais e políticos, por exemplo. O caminho passa pela conscientização, em primeiro plano, e a universidade, desse modo, possui uma importante missão. Concordamos com Andreatta (2020, p.34), ao afirmar que a universidade pode buscar conscientizar a sociedade, pois possui instrumentos que auxiliam na utilização dos inúmeros profissionais atuantes, chamando-os para “jornadas acadêmicas sobre o mercado de trabalho, promovendo palestras, debates, visto que são profissionais próximos a realidade da nossa universidade”, tendo em mente que “tais problemáticas podem ser revertidas, se tais problemas citados acima forem percebidos pelos gestores e professores do curso, sendo em grande parte da universidade”. Do mesmo modo, a problemática discutida e debatida aqui é necessária e profícua sob o mesmo ponto de vista sociológico.

Podemos dizer que o maior mérito maior de toda essa problemática é pôr em cheque algumas explicações conformistas que estão engessadas pelo tempo, abrangendo possibilidades e perspectivas para a atualização dos inúmeros paradigmas no contexto de um momento histórico que requer maior ebulição,

movimento e flexibilidade de idéias (Mello, 1998). Com isso, concluímos nossa produção reafirmando a importância do cientista social como importante motor de mudanças de paradigmas em nossa sociedade, fomentando a reflexão e analisando as demandas da contemporaneidade, sejam elas de ordem política, social, religiosa ou antropológica.

REFERÊNCIAS

- ANDREATTA, I. C. F. **O Mercado de Trabalho dos cientistas sociais para além da docência**. Monografia (Curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Crise nas ciências sociais**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1204200210.htm>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- BAO, Carlos Eduardo. A emergência decolonial: Ciências Sociais e a crise epistêmica da “Modernidade”. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 27. n. 53, jan. / jun. 2020, p. 30-45.
- BARBOZA, Railson. **Filosofia: ainda vale alguma coisa?** Disponível em: <https://diplomatique.org.br/filosofia-ainda-vale-alguma-coisa/>. Acesso em: 26 nov. de 2025.
- BARBOZA, Railson. **O velório da Filosofia no mundo contemporâneo**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-velorio-da-filosofia-no-mundo-contemporaneo/>. Acesso em: 26 nov. 2025.
- DE SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. A Gestão de Pessoas e as Ciências Humanas - discussão conceitual entre projeto de modernidade e “jeitinho brasileiro”. **ReCaPe - Revista de Carreiras e Pessoas**. Volume 9, n. 2, mai./ago. 2018.
- DORSA, A.C. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. **Revista INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 21, n. 4, out./dez. 2020.
- DURAND, J. C. A mal-assumida profissão de sociólogo. **Rev. adm. empres.**, Rio de Janeiro, V. 24, n. 3, p. 76-78, jul/set, 1984.
- JAPIASSU, Hilton. **A Crise das Ciências Humanas**. São Paulo - SP: Cortez Editora, 2014.
- MANTUANO, Giovanna Duarte da Silva. Resenha do livro “A Crise das ciências humanas” - Hilton Japiassu. **Polymatheia Revista de Filosofia**. Vol. 17, n. 1. Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/13148/11540>. Acesso em 26 jan. 2026.
- MARCOVITCH, M. Os desafios da área de Humanidades no Brasil e no mundo. **ESTUDOS AVANÇADOS**, Vol. 16 (46), São Paulo, 2002.

MELLO, Alex Fiuza de. A 'Crise' nas Ciências Sociais: Reflexões Sobre a (des)atualidade dos Paradigmas Sociológicos Clássicos no Contexto da Globalização. **Humanitas**, Belém, v. 14, n. 1/2, p. 29-52, jan./dez. 1998.

MOREIRA, W. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, ano 1, n. 1, 2º sem. 2004.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SEVEROS, M. A Ciência Política, o cientista político e o mercado de trabalho no Brasil: um preâmbulo necessário. **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 54, núm. 3, pp. 369-372, 2018.

Autoria

1 Railson da Silva Barboza

Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Doutor e Mestre em Política Social pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-5141-1980> • railson_barboza@yahoo.it

Como citar este artigo

BARBOZA, R. S. O dilema da conscientização dos profissionais das Ciências Sociais no Brasil: uma análise bibliográfica sobre os percalços, impasses e estratégias de enfrentamento do fenômeno na atual sociedade. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e97249, p. 1-12, ago. 2026. DOI 10.5902/1980509897249. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797597249>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.